



ARU ANDA

Lugar onde moram os orixás cantados até hoje nas rodas



CAROLINA MARIA DE JESUS

PRIVILEGIADA É A MULHER QUE LÊ CAROLINA MARIA DE JESUS.

A ELA, LOUROS E REVERÊNCIAS MIL

Letícia Montes Penha

Mestre em Psicologia pela UFRRJ -
Psicóloga do Degase.

Convidada a escolher e homenagear uma personalidade negra feminina através da escrita, imediatamente Carolina Maria de Jesus se fez presente em mim. Confesso que a lembrança de sua escrita já me rondava, durante os vários tempos da pandemia da COVID 19, que nos trouxe não só o vírus, mas as angústias, o medo, a tristeza diante das perdas, o isolamento social, em aliança com a necessidade imperiosa de lutar pela vida, mesmo diante de tantas adversidades e

da constatação de nossa impotência e limites humanos. Após a escolha feita, me debrucei mais uma vez sobre “Quarto de despejo”. Meu exemplar foi garimpado em um sebo, alguns anos atrás, autografado por Carolina, que o ofereceu ao então dono do livro, Almir, como uma lembrança do Primeiro Festival do Rio, em novembro de 1960 e, em algum momento entre 2013/2015, veio parar em minhas mãos. Busquei outros textos, mas o diário de uma favelada se tornou o ponto de partida e de chegada, onde aportei. Porém, atender ao convite, transformou-se em um enorme desafio.

Diante do atual cenário brasileiro que se descortina, ao olhar novamente para o cotidiano de Carolina, relatado por sua escrita categórica e pungente, foi como se ela, Carolina Maria, com suas palavras, me fitasse e dissesse: “nada mudou desde o aniversário de minha filha Vera Eunice, em 15 de julho de 1955”. É nessa data que Carolina inicia seu livro “Quarto de despejo”, anunciando o aniversário de Vera e confia

sua pretensão de comprar um par de sapatos para a filha. Porém, o custo dos gêneros alimentícios a impedia de realizar seu desejo e a tornava escrava do custo de vida. Na ocasião, lavou e remendou para sua filha, um sapato que achou no lixo (JESUS, 1960, p.13). Escreve quase que diariamente de 15 de julho a 28 de julho de 1955, data em que deixa de registrar suas íntimas impressões sobre a vida, só retomando seu diário em 2 de maio de 1958. Em 1 de janeiro de 1960, Carolina Maria finaliza seu livro.

Sua história, sua forma de contar, faz uso de palavras que parecem ter sido escolhidas a dedo, pois a forma de dizer de sua angústia diante da vida nos aponta para uma narrativa cheia de dizeres certos, carregados de tensão, de críticas, de provocações. Carolina é dona de um “papo reto”, expressão que aprendi com os jovens com os quais trabalho e que, em sua maioria, são oriundos de bairros de periferia e comunidades do estado do Rio. Assim como eles, é com assertividade que Carolina Maria fala de suas

lutas e angústias diante da vida.

A fome e suas nuances são descritas com conhecimento de causa. A fome retratada por Carolina é dolorida, é colorida, é primitiva e é assustadora: “A tontura da fome é pior que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é terrível ter só ar dentro do estômago. Comecei a sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida?” (JESUS, 1960, p.45). Ou ainda, quando nos diz: “Resolvi tomar uma média e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida em nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves, tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos.” (JESUS, 1960, p.45).

Segundo o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), 19 milhões de pessoas passaram

fome no Brasil, no fim do ano passado. Ainda de acordo com dados coletados, mais da metade dos lares brasileiros passou, em algum grau, por incerteza alimentar (Agência Brasil, 06/04/2021). De acordo com a definição da fome e da cor dela, feita por Carolina, muitas brasileiras e muitos brasileiros, hoje, enxergam ainda o mundo em amarelo e tremem de fome. E não adormecem e estão constantemente com os nervos à flor da pele. “Deixei o leito às 4 horas. Eu não dormi porque deitei com fome. E quem deita com fome não dorme” (JESUS, 1960, p.104).

O Inquérito sugere alguns caminhos para a diminuição da fome no Brasil e todos eles perpassam por políticas públicas. Interessante que, ao falar da fome, Carolina não apenas a descreve em seu corpo e dá tonalidade à mesma, ela acena com soluções, para a falta de comida, que, em sua obra, apresentam-se como uma das maiores questões em sua vida. Em 10 maio de 1958, a autora de Quarto de despejo escreve sobre sua ex-

periência em uma ida a uma delegacia para tratar de assuntos referentes a um de seus filhos, o José Carlos. Lá, foi atendida por um tenente que, dentre outras coisas, disse saber que a favela “é um ambiente propenso, que as pessoas têm mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil à pátria e ao país” (JESUS,1960, p.31). E diante de tal afirmação do tenente, ela escreve o que pensou:

“Se ele sabe disto, por que não faz um relatório e envia para os políticos? O Senhor Jânio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Ademar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades.

...O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora” (JESUS,1960, p.31).

Sabia do poder que as palavras possuem ao serem escritas, ao serem ditas, ao serem registradas e, em discussões com os vizinhos,

bradava: “Vou escrever um livro referente à favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo o que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos” (JESUS, 1960, p.21). Em tempos em que imagens feitas através de fotos e vídeos nem soavam em servir como registros de tudo que se passa, Carolina usava a escrita feita em parte dos papéis que catava.

Rápida, ágil, se debruça no mundo em que vive de forma questionadora. Com sua escrita inquieta, instiga e provoca. Assim como é pela escrita que se aquieta: “Quando fico nervosa, não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo” (JESUS, 1960, p.24). Ao falar de seu aborrecimento diante das reclamações da vizinha contra seus filhos, diz que crianças não a aborrecem, o que a aborrece são as reclamações, porém “Mesmo ela aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu

caráter.” (JESUS, 1960, p.17).

Escrevia porque tinha necessidade, por ansiar em ser ouvida acerca de suas impressões sobre a realidade que a rodeava e que, se não o fizesse, seria consumida e definharia. A escrita, além de registro, funcionava para ela como uma forma de aliviar suas aflições, mecanismo de sobrevivência utilizado por ela e explícito em vários momentos de seu discurso. “Deixei o João e levei só a Vera e o José Carlos. Eu estava tão triste. Com vontade de suicidar. Hoje em dia quem nasce e suporta a vida até a morte deve ser considerado herói” (JESUS, 1960, p.100).

De acordo com Machado (2006), Carolina escrevia há cerca de 15 anos, na tentativa imaginária de escapar das dificuldades diárias e de afastar o nervosismo que a tomava quando a fome era intensa: “Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu

contemplo as flores de todas as qualidades” (JESUS, 1993, p.52). Freud, em o Mal-Estar na Civilização, de 1930, sinaliza que uma das formas de aliviar a angústia de existir são as produções artísticas. Carolina escrevia, deixando à vista o alívio que a escrita dava à sua ânsia de existir e resistir às adversidades que a vida apresentava a ela “... Tem dia que invejo a vida das aves. Eu ando tão nervosa que estou com medo de ficar louca” (JESUS, 1960, p.113) ou “...Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa” (JESUS, 1960, p. 36), brada ela. No dia 6 de julho de 1959, depois de fazer o almoço, Carolina começa a escrever, estava nervosa, pois, a seus olhos, “O mundo está tão insípido que eu tenho vontade de morrer”. Senta ao sol, na tentativa de se aquecer, pois “Com as agruras da vida somos uns infelizes perambulando aqui neste mundo. Sentindo frio interior e exterior” (JESUS, 1960, p.170). Finaliza os escritos desse dia, com a percepção de que se sentia melhor. À noite, cantou junto com seus filhos João

e José Carlos, com interferência de alguns vizinhos ébrios. A escrita e o calor do sol, abrandaram sua dor.

Para com a Carolina Maria, mãe, sou toda sororidade, deferência, respeito e afeição. E, certamente, eu caminharia junto e cantaria a canção, com a cidadã Carolina Maria que categorizava da seguinte forma São Paulo: “...Eu classifico São Paulo assim: o Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim, E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 1960, p.33). Ao quebrar sua promessa de não mais comer comida do lixo, feita a seus filhos, e de ser colocada na parede por um deles, por ter falhado em sua palavra, Carolina responde que tinha fé no Kubitschek, mas a perdeu, e continua: “A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso país tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo o que está fraco, morre um dia”. (JESUS, 1960, p. 39).

Peres (2006) descreve Carolina Maria de Jesus como uma “menina atenta ao que se passava ao redor e pouco afeita às brincadeiras infantis, Carolina desde muito cedo soube captar como poucos a vibração de seu meio: angústia, aflições, medos, deslumbra-mentos, sonhos desejos, cores, cheiros, ges-tos, detalhes, opiniões, sabedorias, precon-ceitos, mercadorias, fé, felicidade e tristeza. Tudo lhe chegava misturado, sem ordena-ção, insuflando seu querer.” (PERES, 2006, p.83). E a mulher Carolina? Faceira, esco-lheu não casar e, ao descrever a paixão, en-tra em guerra com tal emoção, mas, como sempre, é visceral e fiel a si mesma, ao des-crever seus sentimentos e nos presenteia: “...Não estou gostando do meu estado espi-ritual. Não gosto de minha mente inquie-ta. O cigano está perturbando-me. Mas eu vou dominar esta simpatia. Já percebi que quando ele me vê fica alegre. E eu também. Eu tenho a impressão que eu sou um pé de sapato e que só agora encontrei o outro pé” (JESUS, 1960, p.146).

Em fevereiro do presente ano, a Universidade Federal do Rio de Janeiro concedeu o título de Doutora Honoris Causa para Carolina Maria de Jesus. A catadora de papel - que escrevia, dentre outras coisas, sobre suas dificuldades em conciliar o trabalho com os cuidados com a prole e sobre como desviava o seu pensamento para perguntas filosóficas a respeito do firmamento, tentando, assim, escapar das vozes de seus filhos dizendo que estavam com fome, já que, segundo ela, isso era a pior coisa que uma mãe pode escutar - sempre foi doutora em vivenciar a dor. E, em tempos que se apresentam tão encolerizados, a voz dessa mulher é invasora e pode arremessar a metros de distância, a linda, a bonita e a reluzente paz.

Sua escrita inunda os espaços, vazios ou não. Soa como um lembrete, ensina, educa e cutuca com maestria, desde o primeiro parágrafo de seu diário. Seus registros passam por momentos avassaladores: “...As oito e meia da noite eu já estava na fave-

la respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão de que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludo, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 1960, p.37), até chegarem com o mesmo fôlego e a mesma intensidade, à última página, à última frase de Quarto de despejo, diário de uma favelada: “1 de janeiro de 1960 Levantei as 5 horas e fui carregar água”, (JESUS, 1960, p.182).

Reler Carolina Maria de Jesus, nesse momento, é um enorme prazer aliado a uma enorme dor. É uma honra saber de Carolina, através de suas próprias palavras. Privilegiada é a mulher que lê Carolina Maria de Jesus e pode se reconhecer em algum momento de sua escrita.

**A ELA,
LOUROS E REVERÊNCIAS MIL**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. O mal estar na civilização. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1974.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo. São Paulo: Livraria Francisco Alves, Editora Paulo de Azevedo LTDA, 1960.

MACHADO, Marília Novais da Mata, Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinações e imaginário, *Psicologia & Sociedade*, n.18, p.105-110.

PERES, Elena Pajaro. Exuberância e Invisibilidade. Populações moventes e cultura em São Paulo, 1940 ao início dos anos 70. 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Curso de História – Universidade de São Paulo, 2006.

<https://www.cartacapital.com.br/cultura/carolina-maria-de-jesus-ganha-titulo-de-doutora-honoris-causa-pela-ufrj/>.

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-04/pesquisa-revela-que-19-milhoes-passaram-fome-no-brasil-no-fim-de-2020>

IMAGENS

Fotografia de Carolina Maria de Jesus - Domínio público - Wikimedia commons